



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2022

RELAÇÃO PROFESSOR ESTUDANTE NA UNIVERSIDADE NO CONTEXTO DO ENSINO DA ESCRITA ACADÊMICA NA ÁREA DE QUÍMICA

Ana Paula da Silva Barreto¹; Carla Cardeal Mendes²;

1. Bolsista PROBIC, Graduanda em Licenciatura em Química, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ana.psbarreto@hotmail.com

2. Orientadora, Departamento de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: carlamendes@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Didática; escrita; química.

INTRODUÇÃO

A escrita acadêmica tem sido um desafio para professores e estudantes na universidade e a literatura científica traz diversas discussões a respeito desse tema. Segundo Castelló (2009), em quase todos os programas de disciplinas os professores incluem as atividades escritas como formas de avaliação, logo a escrita acadêmica deveria ser considerada como um objeto de ensino na universidade. Dessa forma, pode-se considerar que o professor também é responsável por empreender oportunidades para que os estudantes exerçam a escrita em sala de aula, não ocupando um papel de mero expectador-avaliador.

A literatura científica tem reportado reflexões sobre a dificuldade dos estudantes de graduação em química no discurso científico, o qual se agrava através da linguagem escrita. Segundo Kunst & Wenzel (2018), quando o estudante passar a entender a linguagem científica, saber falar, saberá escrever de forma mais contundente. Por outro lado, os currículos dos cursos de química geralmente enfatizam o desenvolvimento de habilidades quantitativas em prejuízo do desenvolvimento de habilidades qualitativas, como a escrita (Queiroz, 2001). Desse modo, as dificuldades de escrita dos estudantes nessa área podem estar associadas aos modos como os docentes trabalham em sala de aula com a leitura, a interpretação de textos, a escrita ou o uso da linguagem científica, ou seja, o ensino da escrita pode não figurar nas práticas educativas que os docentes desenvolvem.

Diante de tal problemática, é pertinente evidenciar que esse plano de trabalho visou possibilitar conhecimento sobre os modos como professores têm desenvolvido estratégias de ensino da escrita acadêmica ao estudante de licenciatura em química da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Tal conhecimento será relevante para que se possa compreender, mais precisamente, como se estabelecem as relações entre professores e estudantes diante das dificuldades nas habilidades de interpretação textual e da escrita de textos da área de química.

METODOLOGIA

Este estudo se fundamentou nos princípios da pesquisa qualitativa, defendida por Minayo (2008). Como dispositivo de pesquisa, foram utilizados relatos de três professoras da

Área de Química do Departamento de Ciências Exatas da UEFS e três estudantes do curso de licenciatura em química, produzidos por meio de entrevista semiestruturada. Como condição para participarem da pesquisa, os participantes assinaram os termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Após a preparação das questões para a realização das entrevistas e o desenvolvimento das entrevistas individuais através da plataforma Google meet, foram realizadas as transcrições do material e a definição do corpus da pesquisa. A efetivação da análise dos dados se deu com o aporte dos princípios da análise de conteúdo (Bardin 1977; Mendes & Miskulin, 2017), definindo-se as unidades de registros (optou-se pelos temas) e mapeando-se as categorias de sentido que emergiram dos relatos das entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da leitura do material transcrito foram identificados nove temas nas mensagens das entrevistas com as professoras (por exemplo: “estratégias de ensino de escrita na universidade”) e onze temas nas mensagens das entrevistas com os estudantes (por exemplo: “desafios da aprendizagem da escrita acadêmica”). Segundo Bardin (1977), categorias são como rubricas ou classes, as quais agrupam determinados elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico em razão das características comuns desses elementos. Assim, as mensagens das professoras e dos estudantes foram analisadas separadamente de acordo com os temas, de modo a permitir a definição de três categorias de análise: Relação professor e estudante na universidade, escrita acadêmica na universidade e prática docente na universidade.

De acordo com os relatos, foi possível observar que as três professoras tomam suas experiências de estudantes de graduação no contexto de suas relações com seus professores como referências para a construção de suas relações com seus alunos na universidade. Tais relações com os estudantes demonstraram ser pautadas no diálogo e acolhimento, particularmente no contexto do ensino da escrita acadêmica. Belo *et al.* (2021) defendem que existem diversos fatores que contribuem para a aprendizagem, dentre eles a afetividade, que influencia diretamente no desempenho do aluno durante seu processo de desenvolvimento. Além disso, os autores ressaltam que a relação professor-aluno necessita estar envolvida por afeto e compreensão de ambas as partes para que o ambiente se torne propício à construção do conhecimento. Nesse sentido, os relatos dos estudantes entrevistados revelam que o comprometimento, a afetividade e a metodologia do professor são parâmetros importantes na relação professor e estudante e contribuem para o processo de aprendizagem.

A partir dos seus relatos, os sujeitos entrevistados compreendem a importância da escrita para o desenvolvimento do entendimento dos conteúdos trabalhados nas disciplinas e destacam as dificuldades na escrita trazidas pelos estudantes quando adentram a universidade, as quais são atribuídas à defasagem da escola básica. As professoras alegam baixo desempenho dos estudantes na escrita, com grande dificuldade em se apropriarem da linguagem química. Já os estudantes afirmam que os professores esperam que os alunos saibam produzir textos acadêmicos. Nesse sentido, Castelló (2009) resalta que as competências necessárias para dominar os modos de ler e escrever no ensino superior não se adquirem de maneira espontânea pelos estudantes, mas requerem um processo instrucional direcionado para promovê-las, assim como Anastasiou (2009) afirma que a apropriação do

conhecimento pelo aluno não é um processo passivo e precisa da mediação constante do professor.

Ainda no contexto da escrita acadêmica, outro ponto abordado pelas professoras foi a importância da prática da escrita ser trabalhada desde o início do curso em qualquer disciplina, independente das ementas, e não apenas ao final do curso na elaboração do trabalho de conclusão de curso. Por outro lado, os estudantes afirmam que há deficiência no currículo do curso de química para o ensino da escrita acadêmica e que essa necessidade deve ser suprida logo no início do curso com disciplina(s) específica(s) para este fim. Os estudantes ainda sinalizam a importância dos programas institucionais de iniciação à docência, iniciação científica, monitoria e a formação continuada de professores como ferramentas que auxiliam o aprendizado da escrita acadêmica, ponto de vista defendido também pelas professoras.

Com respeito à prática docente, foi verificado que a maioria das professoras entrevistadas utiliza estratégias de ensino da escrita como a reescrita orientada, fichamento, resenhas, estímulo à leitura de livros e artigos, entre outras, especificamente em disciplinas de estágio e de preparação para o trabalho de conclusão de curso. Observa-se nestes casos que o fator tempo é um parâmetro importante que contribui positivamente para o processo de aprendizagem da escrita acadêmica, pois os estudantes são acompanhados individualmente e continuamente pelas professoras durante todo o processo de elaboração dos textos. Ou seja, os estudantes têm mais tempo para se dedicarem ao processo de aprendizagem da escrita e as professoras têm mais tempo dedicado ao ensino, à mediação e à avaliação. No entanto, algumas professoras alegam dificuldade de acompanhamento da escrita dos estudantes das turmas de semestres iniciais com muitos alunos matriculados e também em disciplinas de química aplicada. Nessas turmas elas utilizam a prova discursiva como uma tentativa de estímulo à escrita, pois em suas devolutivas comentam os erros cometidos pelos estudantes. Embora haja uma clara intenção educativa, tal estratégia de ensino não é eficiente porque não permite que os estudantes re-elaborem sua escrita. Por outro lado, os estudantes não conseguem identificar claramente estratégias de ensino da escrita desenvolvidas por seus professores, alegando falta de clareza em seus objetivos de ensino e em suas metodologias, embora identifiquem algumas ações isoladas, atribuídas por eles como “boa vontade do professor”.

De acordo com os relatos a partir da análise das entrevistas semiestruturadas que serviram de base para esta pesquisa, foi possível verificar que as professoras tomam suas relações com seus antigos professores como referências para a construção de suas relações com seus alunos na universidade. Tais relações demonstraram ser baseadas no diálogo e acolhimento, particularmente no contexto do ensino da escrita acadêmica, contribuindo para uma maior receptividade dos estudantes e para a melhora da aprendizagem. Foi possível perceber nos relatos dos estudantes que a relação professor e estudante nos contextos pedagógico, social e afetivo interfere efetivamente no processo de ensino e aprendizagem. Com relação à escrita acadêmica, os entrevistados reconhecem o baixo desempenho dos estudantes quando entram na universidade e atribuem esse fato às deficiências trazidas da escola básica, embora reconheçam uma melhora nas produções escritas com o avançar do curso. A existência e a expansão de programas de iniciação científica, entre outros, além da

formação continuada de professores, através de cursos de extensão, foram consideradas importantes ações institucionais para contribuir com a melhora da escrita acadêmica dos estudantes. Por outro lado, a revisão do currículo do curso de química com a possibilidade da introdução de disciplina(s) que trabalhe(m) especificamente a escrita acadêmica no início do curso poderá auxiliar mais efetivamente na melhora da aprendizagem dos estudantes e contribuir para ampliar as práticas de professores no que tange ao ensino da escrita. Com relação à prática docente, ficou evidente que as professoras entrevistadas que atuam em disciplinas de final de curso, especificamente disciplinas de estágio e de preparação para o trabalho de conclusão de curso, conseguem desenvolver diferentes estratégias de ensino da escrita mais eficientes em detrimento daquelas que atuam em turmas do início do curso, com maior número de estudantes e em disciplinas de química aplicada. Por outro lado, foi possível verificar que os estudantes entrevistados não reconhecem estratégias de ensino de escrita como uma prática recorrente dos docentes e, por esta razão, se sentem prejudicados em sua formação e suas produções escritas ocorrem normalmente por tentativa e erro. A análise dos relatos dos participantes permitiu ainda inferir que no curso de química da UEFS as estratégias de ensino da escrita acadêmica são ações pedagógicas isoladas, ou seja, realizadas pontualmente por poucos professores.

Por fim, os resultados dessa pesquisa revelam a necessidade da universidade e dos professores do curso de química investirem em discussões, planejamentos e ações pedagógicas para fomentar o ensino da escrita acadêmica em suas práticas em sala de aula, visando reduzir as deficiências da escrita dos estudantes que entram na universidade, bem como melhorar a sua formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ANASTASIOU, L. das G. C. 2009. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem p.15-43. In: ANASTASIOU, L. das G. C.; ALVES, L. P. (Orgs.). *Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*. Joinville, SC: UNIVILLE, 155p.
- BARDIN, L. 1977. – Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- BELO, P., A. de P.; de OLIVEIRA, R. M.; da SILVA, R. C. 2021. Reflexos da relação professor-aluno para a aprendizagem no contexto formal de ensino. *Rev. Pemo*, v. 3, n. 2, e323880.
- CASTELLÓ, M. 2009. Aprender a escribir textos académicos: Copistas, escribas, compiladores o escritores? p.120-133. In: POZO J. I, ECHEVERRÍA, M. del P. P. (Coords.). *Psicología del aprendizaje universitario: La formación en competencias*. 1 ed., Madrid: Ediciones Morata S. L., 231p.
- KUNST, R.; WENZEL, J. S. 2018. A prática da leitura e da escrita no ensino de química. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Ensino - Univ. Estadual do Norte do Paraná - Campus Cornélio Procopio*, v. 2, n. 1, p.122-136.
- MENDES, R. M.; MISKULIN, R. G. S. 2017. A análise de conteúdo como uma metodologia. *Cadernos de Pesquisa*, v. 47, n. 165, p.1044-1066.
- MINAYO, M. C de S. (Org.) 2008. *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes.
- QUEIROZ, S. L. 2001. A Linguagem escrita nos cursos de graduação em química. *Quím. Nova*, v. 24, n. 1, p.143-146.